Escola(s) em movimento*

Reiner Hildebrandt-Stramann**

Resumo: O texto trata sobre a “Escola Móvel”, onde a escola é interpretada como um lugar para movimentar-se, como um espaço de experiência e de vida (VON HENTIG, 1993), onde o movimento é considerado como um princípio geral na organização e configuração da escola. Nessa perspectiva, trata-se de desenvolver a personalidade de crianças e jovens, não restringindo o jogo, esporte e movimento apenas à educação física, mas estendendo-os a toda escola. A base da “Escola Móvel” se fundamenta em dois elementos: “Movimento e Desenvolvimento Humano” e “Movimento e Aprendizagem”, sobre os quais podem ser colocados diversos componentes do programa curricular que determinarão o perfil da Escola. A fundamentação teórica vem acompanhada de exemplos para tematizações de aula. Então aparecem questões sobre as capacidades que os estudantes de Educação Física devem ter para participar de uma escola móvel, quais as consequências para a formação de professores de Educação Física e reflexões sobre uma “Escola móvel” no Brasil.

Palavras-chave: Educação Física, escola, escola móvel.

Colocação do problema

Uma escola sem movimento é uma escola com características tradicionais. E uma escola assim é um mundo de silêncio e de imobilidade. Paulo Freire (1980, p.10) caracteriza uma escola sem movimento da seguinte maneira:

Imediatamente depois do Maternal, a criança de seis anos é “parafusada” numa cadeira dura para estudar palavrório durante horas e horas. Será por acaso, que a criança em desenvolvimento, essa força da natureza, essa curiosa exploradora aventureira, é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes enquanto o sol brilha lá fora, obrigada a prender a bexiga e os intestinos, 6 horas por dia, exceto por alguns minutos de recreio, durante 7 anos ou mais?

Haverá melhor maneira de aprender a submissão? Isso penetra em músculos, sentidos, vísceras, nervos e neurônios. Trata-se de uma

* O texto foi escrito, originalmente, em português. A revisão técnica foi feita pela Dra. Ingrid Marianne Baecker a quem agradecemos a colaboração.

** Doutor em Ciências do Esporte e professor do Instituto da Ciência do Esporte e da Pedagogia de Movimento da Universidade de Braunschweig/Alemanha.

verdadeira lição de totalitarismo. A posição sentada é reconhecida-mente nefasta para a postura e para a circulação e, no entanto, eis nosso homem ocidental com problemas de coluna, as veias esclerosadas, os pulmões retraídos, hemorróidas e nádegas achata-das, sem falar nos 20% de escolioses. Faz um século que vemos as crianças arrastando os pés embaixo das carteiras, entortando o cor-po e pulando como rãs quando a sineta bate. Este tipo de manifes-tação é atribuído à inquietação, à turbulência infantil: nunca à imo-bilidade insuportável imposta às crianças – a culpa é sempre da própria vítima. Não, não é um acaso. É um plano. Um plano desco-nhecido para os que o cumprem. Trata-se de domar. “Domesticar fisicamente essa máquina fantástica de desejos e prazeres que é a criança” (FREIRE, 1980, p.10).

Com esta descrição crítica, Freire acerta o eixo central do de-bate atual na disciplina da Ciência da Educação na Alemanha. Na Alemanha existe, desde o início da década de 90, uma discussão árdua e, em parte controversa, sobre o futuro da escola e sobre a importância das disciplinas individuais. Nesse debate confron-tam-se duas posições: uma quer que a escola se concentre no en-cargo do ensino, principalmente na transmissão de conhecimen-tos, e livre-se de metas educacionais (GIESECKE, 1995). Aqui a escola é entendida como uma instituição científica, ou seja, de ensino. A outra posição contradiz a essa concepção. O “futuro da formação” e a “escola do futuro” (comissão de formação do Esta-do Nordrhein-Westphalen, 1995) encontram-se onde os processos de auto-educação e o desenvolvimento da personalidade são esti-mulados através de medidas permanentes, como a determinação de metas de desenvolvimentos escolares e processos de avaliação interna. As escolas devem ser compreendidas como organizações de aprendizagem e teriam que entender a si próprias como “cen-tros de aprendizagem” em todas as dimensões disciplinares, para além das disciplinas. Aqui a escola é entendida, de acordo com a imagem-guia de von Hentig, como uma escola de experiência e de vida (VON HENTIG, 1993).

Desde meados da década de 90 a pedagogia do esporte, ou seja, do movimento, participa dessa discussão sobre o futuro da escola. Porém, essa trajetória histórica não pode ser explanada deta-lhadamente aqui. Observando, por exemplo, o atual desenvolvi-mento do currículo (plano de ensino) da educação física em alguns estados alemães (Baviera, Hamburgo, Nordrhein-Westphalen, Nie-dersachsen) essa questão fica clara em, pelo menos, dois aspectos:

1. Os planos de ensino orientam-se numa imagem de escola como espaço de experiência e de vida. A perspectiva de movimento pertence, de qualquer forma, do ponto de vista das crianças e dos jovens, ao espaço de experiência e vida. Assim, a escola é vista como espaço de movimento. Nessa perspectiva trata-se, portanto, de não restringir o jogo, esporte e movimento apenas à educação física, mas estendê-los a toda escola. Trata-se de uma “Escola Móvel teórica e prática”.
2. Numa escola que se entende como espaço de experiência e vida, a missão da educação e ensino da escola é explicitamente aceita. Daí resulta para o esporte escolar em geral e para a educação física em especial a questão de como devem ser realizados o esporte escolar e a educação física para poderem contribuir com a educação e formação de jovens. As crianças e os jovens devem ser promovidos no desenvolvimento de sua personalidade através do jogo, esporte e movimento. Para que essas idéias possam ser realizadas, é necessário configurar o esporte escolar e a educação física como “Esporte Escolar Educativo” e “Educação Física Educativa”. Com isso, esses planos de ensino distanciam-se de um conceito do tipo de esporte performance. Enquanto o conceito do tipo de esporte performance trata de formas adequadas para adaptar as crianças às competições não-escolares e com isso uma educação para o esporte, nos conceitos mais recentes trata-se, em princípio, do desenvolvimento da personalidade de crianças e jovens e, com isso, de uma Educação de desenvolvimento através do jogo, esporte e movimento (HILDEBRANDT-STRAMANN 2001).

No decorrer deste texto apresentarei rapidamente essas duas perspectivas. Depois me ocuparei das consequências para a formação de professores de educação física, que essas ampliações – do nosso ponto de vista – trazem. Ao finalizar, explicitarei algumas questões sobre e – em caso positivo – como tais perspectivas podem e devem influir na formação de professores de educação física no Brasil.

Escola como espaço de movimento – o conceito de uma escola móvel

Sob a perspectiva da pedagogia de movimento a escola é interpretada como um lugar para movimentar-se, onde o movimento é visto como um princípio geral na organização e configuração da

escola. O movimento deve transformar-se numa parte construtiva de aprendizagem e de vivência na escola (HILDEBRANDT-STRAMANN, 1999; 2001a). A essa exigência estão ancorados conceitos de educação que não vêem somente a aprendizagem cognitiva no processo de formação, como também a do sentido e a do corpo. Essa conceituação opõe-se à “escola sem corpo” (RUMPF, 1980), posiciona-se a favor de uma escola físico-ecológica, orientada no movimentar-se, onde a escola é vista como um lugar de vida e, também, como uma cultura escolar em movimento.

Minha imagem de uma escola móvel é comparável com uma casa (Figura 1). Uma casa só pode ser construída quando existe um alicerce. Neste alicerce encontram-se os fundamentos da Escola móvel. Destes, dois elementos são significantes: “Movimento e Desenvolvimento Humano” e “Movimento e Aprendizagem”. Estes fundamentos baseiam-se na convicção de que um desenvolvimento total das crianças e jovens não pode ser realizado sem movimento (movimento e desenvolvimento) e que o movimento é entendido como um elemento constitutivo de ensino, por que a exploração de conhecimento do mundo realiza-se fundamentalmente pelo movimento (movimento e aprendizagem). Sobre os fundamentos citados podem ser colocados os outros componentes da construção da casa. Podem ser diversos componentes. Estes componentes determinam o perfil da escola, eles representam os conteúdos do programa escolar. Importante é que os professores, alunos e pais decidam quais componentes devem caracterizar este programa escolar. Na minha imagem da casa, o programa escolar é constituído pelas paredes externas que protegem os diferentes componentes da construção e o teto simboliza a vida escolar. A garantia para uma escola móvel são as experiências de movimento que os alunos podem fazer em sua vida escolar. A seguir quero explicar mais detalhadamente cada componente da escola móvel.

Os fundamentos da escola móvel

Movimento e desenvolvimento humano

O desenvolvimento humano é caracterizado através da aquisição de capacidades cognitivas, emocionais, sociais e de movimento. O desenvolvimento do movimento das crianças e jovens pode ser promovido nas seguintes funções do movimentar-se:

- F na função instrumental;
- F na função social;

- F na função simbólica;
- F na função sensitiva.

A função instrumental contém a capacidade de movimentar-se de maneira econômica, hábil, jeitosa e acomodável ao meio-ambiente. A função social contém a capacidade de constatar outras pessoas através do movimento. A função simbólica contém a capacidade de expressar algo através do movimento e a função sensível contém a capacidade de explorar materiais ou a si mesmo ou de construir, com materiais, situações de movimentar-se.

O movimentar-se proporciona experiências, no mínimo, em três áreas:

1. Através das funções instrumental e sensitiva, é possível adquirir experiências com o material por meio do movimento;
2. Através da função social é possível fazer experiências sociais por meio do contato com outras pessoas;
3. Através da função simbólica é possível fazer experiências corporais por meio de um confronto direto com o seu próprio corpo por meio do movimento.

Uma escola móvel, que é orientada para crianças, deve oferecer-lhes, no verdadeiro sentido da palavra, espaços para o movimento e para os jogos, para que eles possam fazer esses tipos de experiência.

Movimento e aprendizagem

O objetivo da educação escolar é oferecer aos alunos a chance de adquirir conhecimentos do mundo e aprender a entendê-lo. O teórico de aprendizagem Jerome Bruner explica como processos de aprendizagem e de experiências podem ser estruturados nas escolas públicas. Ele diferencia três modalidades pelas quais as crianças podem adquirir conhecimentos do mundo: em nível do agir, em nível da imaginação/metafórico e em nível simbólico (BRUNER, 1974). Na escola, os três níveis devem ser considerados no processo de aprendizagem. Na realidade, porém, é favorecido principalmente o nível simbólico. Numa escola móvel, principalmente, o nível do agir é favorecido, sem negar os outros dois. Aqui a aprendizagem do agir tem um significado especial. Uma legitimação teórica para esta posição pode ser encontrada nas teorias psicológicas de desenvolvimento (PIAGET, 1973).

Baseados nessas teorias, sabemos que as crianças adquirem seus conhecimentos sobre o mundo e do mundo através do confronto ativo com ele. As crianças procuram sentir-se bem com os

objetos desse mundo, de acordo com suas experiências corporais e dos sentidos. Sobre isso escreve Maraun (s.d., 38): “Assim como o conhecimento tem seu início na experiência, a experiência começa no seu próprio agir, e neste agir está contido uma dimensão de corpo e de sentidos.” A criança percebe o mundo, muito menos através de suas capacidades mentais – pensamento e imaginação – do que através de seus sentidos, de seu corpo, de suas ações de movimento. Movimentar-se significa “entender o mundo no agir”, escreve Tamboer (1978). Essa dimensão pré-reflexiva do agir e do saber humano não pode ser desligado do processo de reconhecimento, isto significa: as experiências e a interpretação dos sentidos, a valorização e a ação formam um contexto funcional que só pode ser interpretado de maneira cognitiva com o tempo. Essa dimensão pré-reflexiva do agir e do saber humano encontra-se, também, no conceito fenomenológico do “corpo”. Merleau-Ponty (1966) designa com isso uma “vida de consciência não refletida”, um “sujeito natural”, que experimenta as coisas em ação dentro do contexto e, ao mesmo tempo, as transcende em termos de perspectiva.

Figura 1 – Imagem de uma escola móvel.

Os componentes da construção

A sala de aula móvel

Eu sou da opinião de que as crianças devem ser apoiadas e fortalecidas, para que possam dedicar-se em seu ambiente de aprendizado, sua sala de aula, da maneira mais autônoma possível. Para isso é necessário que o meio-ambiente onde se aprende apresente-se de maneira interessante e variado, dentro de um espaço estruturado (LANDAU, 2000; HILDEBRANDT-STRAMANN, 1999).

Se o movimento deve servir como instrumento para fazer experiências sociais, então as crianças precisam de liberdade de movimento para que possam entrar em contato umas com as outras. Essa liberdade de movimento só existe se as crianças tiverem oportunidade de reunir-se em diferentes grupos, dentro da sala de aula, para resolver as mais variadas tarefas. Pertinente a isso, deve ser possível mudar o ambiente de aprendizagem, principalmente na colocação das mesas e das cadeiras. Faz-se necessário, todavia, um inventário dos móveis, de cadeiras e mesas, que possibilite aos professores e alunos uma configuração e encenação ativa da aula, apoiando um trabalho semelhante a uma oficina de trabalho e de formação, orientado em projetos.

Temas voltados ao corpo e à postura

Como “experiência corporal consciente” entende-se uma aula que objetiva uma vivência consciente de processos de movimento, que tenham efeito no corpo; percepção e sensibilização consciente de como as funções do corpo se submetem aos comportamentos, com ou sem sentido.

Isso não tem nada a ver com promoção unilateral de um sistema de movimento, como é conhecida na ginástica funcional, mas com mediação de uma função de movimento que permite a postura e a formação, enfim, numa experiência corporal consciente, segundo Funke (1983). Nesse conjunto aparecem o corpo e a postura, também, dentro de um contexto de aprendizagem estética. Aqui se trata da tematização do corpo como um órgão de expressão e de apresentação. São exemplos dessa tematização:

- F Contrair-se e descontraír-se;
- F Minhas costas e meu respaldo;
- F Manter-se em equilíbrio;

- F Estender e flexionar;
- F Descobrir e vivenciar os pés e as mãos.

Alguns temas, como por exemplo “o sentar dinâmico”, estão relacionados diretamente aos móveis removíveis da sala de aula móvel. Aqui entram, também, temas teóricos como “móveis ergonômicos”, isto é, temas dos âmbitos das ciências naturais, como a fisiologia ou a ergonomia.

Aprendizagem interdisciplinar

A premissa da aprendizagem interdisciplinar está ligada a uma aprendizagem por disciplinas abrangentes. Experiências não se obtêm dentro dos limites das disciplinas. Experiências são obtidas, quanto mais diretas, tanto mais correspondentes à realidade das crianças e tanto mais vivenciadas pelo corpo. Assim consegue-se, por exemplo, que os jogos antigos e atuais se tornem tema para a aula de português e de educação física. No trabalho de encenação de uma estória infantil, por exemplo, pode-se elaborar o contexto do idioma e do movimento: as crianças aprendem as palavras do texto, experimentam-nas no corpo e as articulam; forças físicas como a gangorra, o equilíbrio, as roldanas podem ser avaliadas por meio do corpo e tornar-se tema para várias disciplinas, até mesmo para a disciplina de educação física. Os conceitos da educação estética vivem da ligação com a música, a arte e a educação física, para o qual já existem vários exemplos.

Eu denomino esse tipo de aprendizagem, dentro das concepções interdisciplinares, como uma aprendizagem relacionada ao corpo. Essas maneiras de aprender com o corpo estimulam o “pensar produtivo” (WERTHEIMER, 1966). Através da acumulação de impressões do sentido e do corpo, inicia-se a preparação, por exemplo, de conceitos e de leis físicas, para que, numa amanhã, eles possam ser integrados à vida. Zur Lippe (1987, 363) escreve: “Precisamos reforçar as primeiras vivências para as experiências do amanhã. Precisamos reforçar sempre as vivências, procurando retornar sempre às vivências ‘vivenciadas’ a cada passo”.

A oficina do movimento

A oficina do movimento baseia-se num conceito de aprendizagem prática. Em uma oficina de movimento deve existir uma quantidade de aparelhos e de materiais para o movimento – escadas, cordas grossas, pranchões de madeira, pneus de caminhão, etc. – com os quais as crianças podem:

- F Realizar experiências com o movimento;
- F Construir e modificar, autonomamente, situações de movimento para trepar, balançar, equilibrar, oscilar, jogos de equilibrista;
- F Criar, inventar e montar, autonomamente, materiais e aparelhos simples para o movimento.

A aprendizagem prática de movimento significa, aqui, possibilitar às crianças a aquisição de experiências e conhecimentos com os materiais para que possam criar e inventar com eles, sempre novas situações de movimento. Assim elas aprendem não somente a movimentar-se com segurança, mas também, desenvolvem um sentido prático adequado aos materiais, o que, conseqüentemente, as levará a utilizar esses materiais com controle e segurança.

A filosofia antropológica básica do conceito de aprendizagem prática parte do princípio de que as crianças não têm apenas necessidade de conhecimentos escolares, mas também de experiências sobre suas próprias capacidades de ação. Rauschenberger (1993) relaciona a essa filosofia da ação autônoma uma certa imagem de ser humano em crescimento: esse ser humano em crescimento é visto como alguém que procura, que aprende através do experimentar com tudo, que se aproxima dos objetos, nos seus primeiros passos, de maneira descoordenada e espontânea. Uma escola móvel deve permitir a espontaneidade e, como diz Rauschenberger (1993, 237), mostrar ao ser humano em crescimento as possibilidades de sua própria realização prática, através da satisfação, do brincar e do experimentar.

Educação do movimento aberta às experiências

Numa escola móvel, as aulas de educação física não se tornam, de maneira alguma, supérfluas. Pelo contrário: elas são o núcleo das aulas da escola móvel. A base do movimento, porém, vista sob o ângulo esportivo, transforma-se, assumindo a posição de movimento pedagógico. O ponto de partida não é o esporte com suas técnicas de movimento, mas o diálogo subjetivo da criança com o seu meio-ambiente, diálogo mantido entre “corpo e movimento”. “Para a aula de educação física, isso significa abrir-se para os temas do movimento das crianças. Oferecer-lhes formas de intermediação, incentivando a realização de suas próprias áreas temáticas.” (Grupo de Trabalho pedagógico, 1991).

Junto à existência de espaços interessantes para o movimento, fazem parte desse tipo de aula temas abrangentes de movi-

mento, novas formas de lecionar, onde seja possibilitado à criança o confrontar-se com o movimento, onde o aluno possa, com seu material, organizar seu espaço. Os temas das aulas podem ser: oscilar, balançar, equilibrar-se, saltar, como também a organização de estórias, incitando o movimento, regras de jogos, expressão corporal, relaxamento, movimentos artísticos, habilidades esportivas e de condicionamento. Os temas diferenciam-se de acordo com a forma de lecionar. De vez em quando, predomina a descoberta da intenção de um movimento, ou jogo, ou as diferenças mais variadas da idéia de um movimento. Descobrir, jogar, diferenciar são possibilidades de confrontação que garantem às crianças o perseverar no alcançar um lugar livre para o seu movimento. Com o passar dos anos, as crianças começam a aprender e treinar habilidades e jogos esportivos conhecidos, atividades artísticas, danças, coreografias musicais sob a perspectiva do novo redimensionamento. Aqui ela passa a dominar a confrontação direcionada ao movimento mais definido.

O programa escolar

Os componentes de uma “Escola Móvel” só terão seu lugar e apoio firme na construção se as paredes de apoio do programa escolar forem erguidas sobre o fundamento descrito. O programa escolar é o resultado de uma orientação pedagógica de todos os professores. São feitas anotações e com isso abre-se a possibilidade de controlar, a qualquer momento, a realização das intenções pedagógicas. Assim, os componentes são submetidos a uma revisão pedagógica permanente, os componentes comprovados são mantidos e os não comprovados são modificados e, então, novos componentes são acrescentados.

A vida escolar

Cada casa tem um telhado protetor: em nosso caso é a vida escolar. Uma escola móvel não se desenvolve se for dada, somente uma vez ao ano, uma aula relacionada ao movimento ou, se uma vez por ano, for realizado um projeto de movimento ou festejado um evento de movimento. Para uma escola móvel é necessário que os componentes sejam instituídos como algo seguro e duradouro que marca a experiência de vida das crianças na escola. Uma escola móvel deve ser sentida diariamente pelos alunos. Uma condição para isso é a orientação básica pedagógica correspondente e conhecimentos básicos dos professores. Essa orientação básica pedagó-

gica e os conhecimentos básicos necessários devem ser transmitidos aos professores na formação de professores de educação física ou em cursos de aperfeiçoamento.

Quais as capacidades que os estudantes de educação física necessitam para participar na configuração de uma escola móvel?

Numa revisão da literatura atual sobre a pedagogia escolar e sobre o desenvolvimento escolar torna-se claro que, para os professores de educação física, não basta somente saber lecionar. As mudanças cotidianas no trabalho escolar exigem qualificações sobre como organizar, aconselhar, cooperar, inovar e avaliar. Essas qualificações são classificadas, na pedagogia escolar, dentro do conceito de cultura da organização, que tem a ver com a organização social interna da escola.

A tarefa do corpo docente de educação física não se limita somente às atividades do ensino na sala de aula, no ginásio de esportes, no campo de esportes ou na piscina. O desenvolvimento e a organização de situações de aconselhamento de colegas é um dos aspectos mais importantes na cultura de organização.

O segundo aspecto importante é caracterizado pela necessidade de criar formas de cooperação entre os colegas. Isso diz respeito à cooperação dos professores de educação física entre si, como também à cooperação deles com os professores de outras disciplinas e de outras áreas de aprendizagem. Os professores de educação física devem procurar superar seu isolamento, causado muitas vezes por eles mesmos, e procurar uma participação ativa num consenso abrangente de educação. De acordo com minha experiência, dever-se-ia unir a capacidade de inovação com as competências de avaliação. O desenvolvimento de uma cultura escolar em movimento, ou parte dela, já é uma inovação. O motivo para isso é muito freqüentemente a constatação de deficiências e carências no comportamento motor e na concentração das crianças, que obrigam a desistir do “caminho habitual” e experimentar “algo novo”. A condição para tal é a descrição da situação atual e a denominação do problema que deve ser solucionado. Além disso, deve-se documentar os processos de investigação através de métodos adequados de seleção e de análise dos dados. Os processos de avaliação aqui utilizados baseiam-se no conceito teórico da pesquisa-ação (ALTRICHTER e POSCH 1994).

Consequências para a formação de professores de educação física

Uma escola só entra em movimento se os professores entram em movimento internamente. Isto significa que, para organizar uma escola móvel, os professores necessitam de uma orientação básica pedagógica correspondente e um profundo conhecimento específico. Quais as capacidades que os estudantes de educação física necessitam para participar na configuração de uma escola móvel? Quero responder a esta pergunta com o exemplo de uma escola móvel que organizei em conjunto com estudantes e professores na Alemanha. Trata-se de uma escola estadual regular, que antes era uma escola tradicional (HILDEBRANDT-STRAMANN, 1999). Como ilustração, uso o seguinte quadro de uma escola móvel (cf. Quadro 1).

Capacidade de adquirir conhecimentos através da literatura científico-pedagógica

Para legitimar uma reforma escolar através do movimento, o professor de educação física necessita de conhecimentos fundamentais sobre teorias antropológicas, fenomenológicas e pedagógicas de movimento e conhecimentos sobre a relação entre movimento e aprendizagem. Estes conhecimentos ele adquire através do estudo da literatura científica na área da educação física, como também nas áreas acima denominadas.

Capacidade de inovação ligada a um conhecimento específico

Para construir móveis removíveis ou aparelhos de movimento para uma sala de aula, por exemplo, os estudantes devem ter a capacidade da conexão entre pensar e fazer. Pensar significa: partindo de um conhecimento profundo da anatomia e ergonomia do sentar e sobre a configuração da organização do sentar e suas consequências didáticas, os estudantes têm que pensar no modo da construção de móveis que correspondam às exigências teóricas e didáticas. Além disso, necessitam da capacidade de construir os móveis (fazer). Na introdução dos móveis na aula, compete aos estudantes e aos professores a capacidade didática de relacionar esta introdução com temas do corpo e da postura (a capacidade da transformação didática). No plano de formação, isso se encontra entre as disciplinas chamadas “oficina de movimento”. Ligada a

esta está a oficina de pesquisa, onde os estudantes e professores aprendem métodos de avaliação do trabalho realizado.

Capacidade de cooperação

Tanto a aprendizagem interdisciplinar quanto o desenvolvimento de um programa escolar são caracterizados pela necessidade de cooperação entre os professores das diferentes áreas. Isso diz respeito à cooperação dos professores de educação física entre si, como também à cooperação desses com os professores de outras disciplinas e de outras áreas de aprendizagem. Como já foi dito anteriormente, os professores de educação física devem procurar superar seu isolamento, buscando uma participação ativa mais abrangente.

Capacidade de avaliação

Processos de avaliação têm que ser avaliados. São necessárias informações sobre o efeito das avaliações, se foi alcançado o que se imaginou. Para isto é necessário formular claramente as expectativas, ou seja, o problema, constatar o estado atual e escolher métodos correspondentes através dos quais se obtém conhecimentos sobre o processo. É de considerar, que tais processos de avaliação devem ser realizados como processos autônomos de avaliação, baseados no conceito teórico da pesquisa-ação (ALTRICHTER e POSCH, 1994).

Futuros professores de educação física deveriam, naturalmente, adquirir essas competências na formação. Com relação ao meu exemplo, o plano de ensino para a formação de professores de educação física deveria conter as seguintes ofertas:

1. Módulos de ensino para conceitos referentes ao relacionamento entre educação, movimento, desenvolvimento e configuração da escola;
2. Módulos de ensino para a teoria e prática de uma escola móvel;
3. Estudo-projeto em cooperação com uma escola móvel ou com uma escola que queira desenvolver um programa escolar com a universidade;
4. Módulo de ensino para o aprender em “oficinas de movimento”;
5. Módulo de ensino “oficina de pesquisa” para a organização e avaliação de processos de desenvolvimento escolar e de ensino/aprendizagem.

Escola móvel na formação de professores de educação física no Brasil

Não tenho conhecimentos, até hoje, de conceitos ou projetos de escolas brasileiras que tenham assumido o movimentar-se, na base do raciocínio pedagógico sobre a escola, como fator primordial de configuração. Possivelmente a perspectiva de movimento é muito limitada. Tenho as seguintes visões:

Uma escola de “auto-cuidado” corporal

Sob “auto-cuidado” corporal entende-se a capacidade de poder cuidar de si mesmo, de sua existência e de seu bem-estar em amplo sentido. Esse cultivo, no sentido de realização da vida, abrange no “auto-cuidado” os âmbitos de co-mundo e do meio-ambiente.

Em vista da problemática social da pobreza, fome, falta de assistência social e da falta de espaços de movimento, os componentes de uma escola de auto-cuidado corporal deveriam ser outros: comer e beber como meios-de-viver; o ritmo de vida no dia-a-dia; a economia da energia e sua compensação na interação entre carga e recuperação; o corpo e seu tratamento; o lidar com luz, ar e água; a vida sentimental e sua dinâmica; organizar-se com outros.

Uma escola da cultura brasileira de movimento

A cultura brasileira de movimento é caracterizada por uma riqueza de formas de movimento tradicionais que baseiam, em primeira linha, num significado de movimento explorativo, expressivo e comunicativo como, por exemplo, as formas de jogo e dança da Capoeira e do Frevo. Atualmente, porém, quase todas as formas tradicionais de movimento são pouco consideradas na educação física brasileira. Sua integração conduziria, automaticamente, não só a uma ampliação das experiências de movimento, como também tornaria relativa a compreensão de movimento esportivo e a uma reconscientização dos próprios valores culturais. Aqui, a pedagogia esportiva teria um meio de apoiar a discussão conduzida no Brasil no âmbito dos esforços de democratização sobre a independência referente a influências do exterior, no sentido de uma educação brasileira de movimento (e não educação física no Brasil).

Uma escola como escola da vizinhança e de produção

Uma escola da vizinhança e de produção surge mormente nos bairros pobres e nas favelas. Nesse tipo de escola, a educação de movimento torna-se um meio de assistência social. Nessa área aprendi muito com a professora Celi Taffarel. Na prática trata-se de participar das organizações já existentes e de seus esforços de iniciar projetos de auto-ajuda. Para o setor escolar nas favelas, isto significa, por exemplo, ajudar a desenvolver escolas que contribuam para a subsistência, que se tornem “escolas da vizinhança e de produção” – como Jürgen Zimmer o formulou. O plano de ensino de tais escolas provém das situações das favelas e ensina, como superar doenças, como viver com o lixo e do lixo e – sobretudo – como organizar-se. O plano de ensino, portanto, é feito da cabeça aos pés. A maioria das escolas no Brasil são fixadas nas disciplinas escolares, orientadas em catálogos de material acadêmico, sem referência a problemas locais e regionais.

Um plano de ensino da escola e produção, entretanto, orienta-se em situações básicas de problemas. As disciplinas, então, poderiam denominar-se, talvez, “como se exerce economia subsistencial e combate sua fome” ou “escassez de energia e o que se pode empreender” ou “falta de oportunidade de jogar e movimentar-se, e como remediar a situação” ou “nossa cultura de jogos e movimentos, e como representá-la”. É evidente que este tipo de escola não pode existir isolada. Escolas de produção estão entrelaçadas com seu meio-ambiente social e econômico. Elas colaboram estreitamente com as organizações da vizinhança (comunidades de base) e integram a vizinhança na filosofia de produção. Isto significa, também, integrar os arredores da escola como área de aprendizagem, onde, por exemplo, como espaço de movimento, eles mesmos poderiam produzir, seja para a horta ou aparelhos de movimento, etc. Isto significa para a formação de professores (de movimento), também, formar professores (de movimento) e promotores de comunidades. Os alunos podem, numa escola dessas, por exemplo, aprender a organizar, autonomamente, um jogo de futebol num espaço mínimo, construir seus “aparelhos de movimento” com restos industriais e improvisar com eles situações de movimento. Para a realização de suas necessidades vitais de movimento, as crianças dependem do desenvolvimento de competência exploratória e produtiva, isto é, do significado explorativo e produtivo de movimento.

Desses três exemplos de escolas, resultam os seguintes conteúdos para um plano de ensino, que propicia aos estudantes as competências para a construção de tais escolas:

1. Módulo de ensino estudo-projeto “escola móvel como escola de produção e abertura à coletividade”;
2. Módulo de ensino “teoria e prática da cultura brasileira de movimento”;
3. Módulo de ensino “movimento e ‘auto-cuidado’ corporal” (comer e beber como meios de viver; o ritmo da vida no dia-a-dia; a economia doméstica das forças e seu equilíbrio no jogo recíproco de carga e descanso; o corpo e seu tratamento; o lidar com a luz, o ar e a água; a vida sentimental e sua dinâmica; o organizar-se com outros através do movimento);
4. Módulos de ensino para conceitos referentes ao relacionamento entre educação, movimento, desenvolvimento e configuração da escola;
5. Módulo de ensino para o aprender em oficinas de movimento;
6. Módulo de ensino “oficina de pesquisa” para a organização e avaliação de processos de desenvolvimento escolar e de ensino/aprendizagem.

Conclusão

Minha intenção neste texto foi, por meio de exemplos, elucidar a amplitude de tarefas que sobrevêm aos futuros professores de educação física, se tiverem que resolver os problemas atuais e ajudar a desenvolver uma escola em que o movimento possa contribuir essencialmente para a educação e formação de crianças e jovens. Naturalmente tais idéias sempre são incompletas. Aqui ou acolá falta algo, em outra parte deveria ser acrescentado ou tirado algo. Dois aspectos, porém, são comuns para ambos: 1) Não se trata do movimento da criança ou do jovem, mas de crianças e jovens movimentando-se, para os quais o movimento se torna um meio de aquisição de conhecimentos (auto-conhecimento e perícia) e domínio do mundo. Trata-se de uma educação para a auto-educação. Para isso, deve ser instituído um ambiente educativo correspondente, o que garante uma escola móvel. 2) A formação de professores de educação física deve preparar e qualificar para realizar essas amplas tarefas. O comum nas minhas idéias de planos de ensino consiste numa perspectiva clara de ensino e pesquisa pedagógico-escolar, pedagógico-social, ecológico-social e salutogenética.

School With(out) Movement

Abstract: The text is about the “Moving School”, where school is interpreted as a place for movement, a space of life experience (VON HENTIG, 1993), where movement is considered a general principle in the organization and configuration of the school. In this perspective, it is about developing the personality of children and youngsters, not restraining game, sport and movement to physical education only, but extending it to the whole school. The “Moving School” is based on two elements: “Human Movement and Development” and “Movement and Learning”, on which many components of the curriculum that will determine the school's profile can be set. The theoretical base comes with examples for class thematization. Therefore questions about the skills that the Physical Education students should have to participate of a moving school, the consequences for the formation of Physical Education teachers and reflections about the “Moving School” in Brazil are arisen.

Keywords: Motor Intervention, Motor Delays, Social Behavior, Inclusion.

¿Escuela? ¿En movimiento?

Resumen: El texto trata sobre la “Escuela Móvil”, donde el centro de enseñanza es interpretado como un sitio para moverse, como un espacio de experiencia y de vida (VON HENTING, 1993), donde el movimiento es considerado como un principio general en la organización y configuración del centro. En esta perspectiva se trata de desarrollar la personalidad del niño y de los jóvenes, sin restringir el juego, el deporte y el movimiento solamente a la educación física, pero extendiéndolos a todo el centro de enseñanza. El embasamiento de la “Escuela Móvil” fundamentase sobre dos elementos: “Movimiento y Desarrollo Humano” y “Movimiento y Aprendizaje”, sobre los cuales pueden ser colocados distintos componentes del currículum escolar que determinarán el perfil del centro. Los fundamentos teóricos vienen acompañados de ejemplos para discusiones de clase. Entonces emergen cuestiones sobre que capacidades los estudiantes de licenciatura en Educación Física deben tener para participar de una “Escuela Móvil” y cuales las consecuencias para la formación de profesores de Educación Física y, también, reflexiones sobre la “Escuela Móvil” en Brasil.

Palabras-clave: Educación Física, Escuela, Escuela Móvil.

Referências

ALTRICHTER, H.; POSCH, P. *Lehrer erforschen ihren Unterricht. Eine Einführung in die Aktionsforschung*. Bad Heilbrunn. Verlag Klinkhardt, 1994.

BILDUNGSKOMMISSION NRW: ZUKUNFT DER BILDUNG. *Schule der Zukunft*. Neuwied, Kriftel, Berlin. Verlag Luchterhand.

BRUNER, J.S. *Lernen, Motivation und Curriculum*. Frankfurt. Fischer Press, 1974.

FREIRE, P. *Cuidado Escola*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1980.

FUNKE, J. *Sportunterricht als Körpererfahrung*. Reinbek. Verlag Rowohlt, 1983.

GIESECKE, H. Wozu ist die Schule da? In: *Neue Sammlung* 35, 3, p. 93-104, 1995.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFSM/UFPE. *Visão didática da educação física. Rio de Janeiro*. Editora Ao Livro Técnico, 1991.

HENTIG, H.v. *Die Schule neu denken*. München: Wien, Verlag, 1993.

HILDEBRAND-STRAMANN, R. *Bewegte Schulkultur*. Butzbach-Griedel: Verlag Afra, 1999.

_____. *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. Ijuí. Editora Unijui, 2001.

_____. Escola primária em movimento – movimento na escola primária. In: *Revista da Educação Física*. Maringá, vol.12; n. 2, p. 119-128, 2001a.

LANDAU, GD. As mobile Klassenzimmer. In: LAGING, R. E SCHILLACK, G. (orgs.). *Die Schule kommt in Bewegung. Konzepte, Untersuchungen und praktische Beispiele zur Bewegten Schule*. Hohengehren. Verlag Schneider, p.110–116, 2000.

MARAUN, H.K. Erfahrung als didaktische Kategorie. In: *Sonderheft sportpädagogik*. Annäherungen, Versuche, Betrachtungen. Bewegung zwischen Erfahrung und Erkenntnisse, p. 26-31. (s.d.).

MERLEAU-PONTY, M. *Phänomenologie der Wahrnehmung*. Berlin. Verlag De Gruyter, 1966.

PIAGET, J. *Das Erwachen der Intelligenz beim Kinde*. Stuttgart 1972. Verlag Klett, 1993.

RAUSCHENBERGER, H. Zur *Metamorphose des Praktischen in der Schule*. In: *Neue Sammlung* 33, 2, p. 229–240, 1973.

RUMPF, H. Schule der Körperlosigkeit. In: *Neue Sammlung*, vol. 20, p. 454-463, 1972.

Movimento, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.121-139, janeiro/abril de 2005

TAMBOER, J. Sich Bewegen – ein Dialog zwischen Mensch und Welt. In: *Sportpädagogik* 3,2,14-19, 1980.

ZUR LIPPE, R. *Sinnenbewußtsein. Grundlegung einer anthropologischen Ästhetik*. Reinbek. Verlag Rowohlt, 1987.

WERTHEIMER, M. *Produktives Denken*. New York und London. Verlag Kramer 1964.

Recebido em: 20/10/2004

Aprovado em: 05/12/2004

Reiner Hildebrandt-Stramann
Mozartstr, 10
3834
Walfenbittel
Alemanha